

Tudo Programado

MICHAEL FRANZÃO

O ônibus que levava os alunos para a escola chacoalhava sobre as ruas desniveladas.

Andrew usava uma mochila laranja que, no momento, estava sobre seu colo, e seu uniforme escolar padrão estava perfeitamente limpo e passado. Os vinte e quatro assentos estavam preenchidos, e, por mais que fossem ocupados por jovens em uma fase de crescimento e descoberta, a viagem seguia silenciosa.

Essa era uma parte do grande ritual monótono na vida de Andrew. Desde que seus pais o deixaram para ser criado em uma comunidade onde os jovens viviam em repúblicas e estudavam em escolas com períodos de aulas tão longos que quase se tratava de um internato, Andrew levava uma vida sem muita emoção ou novidade. Ele era pequeno quando seus pais o deixaram e foram embora do país. Isso é o que ele sabia, porque não se lembrava de nada e não tinha nenhuma foto dos pais, mas, no final, preferia assim. Não se pode sentir falta de algo que não se viveu. Ou pode?

Andrew passou a mão direita sobre o bolso externo da mochila para conferir se o cartão de acesso da escola estava ali. Sem precisar abrir o bolso, sentiu o relevo do cartão e suspirou de alívio. Uma semana atrás havia esquecido o cartão e fora obrigado a fazer suas lições no pátio da escola, debaixo de sol. Não que isso tivesse sido um incômodo. Sua falta de sensações climáticas o deixava à vontade em qualquer ambiente.

O ônibus fez uma curva fechada, e os alunos foram submetidos à gravidade, jogando-os uns contra os outros. O rosto pálido de Andrew chegou perto dos cabelos da garota que estava ao seu lado. Constrangido, fingiu que não havia percebido o cheiro maravilhoso que subiu pelas suas narinas. Mas não conseguiu.

— É lavanda. — Disse a menina de cabelos enrolados.

— Como? — Andrew tentava mais uma vez usar seu cinismo. Sem sucesso.

— O cheiro do meu cabelo, é lavanda. — Ela disse com um sorriso leve, voltando os olhos para a janela do ônibus.

Andrew sorriu sem graça e agradeceu por ela ter virado o rosto. Seus olhos eram como dois ovos sendo fervidos; sua face estava deploravelmente avermelhada.

O freio sutil do ônibus fez que todos entendessem que já era hora de descer. Andrew, em um movimento automático, agarrou a mochila e se levantou para sair, tentando achar uma brecha entre a fila de alunos que passava pelo corredor. Seu senso de cavalheirismo o alertou de que Kristen estava atrás dele e que ele deveria deixá-la passar primeiro. Sentindo-se na obrigação, entrou no corredor parando a fila de jovens e fez sinal com a mão para que ela passasse. Não se importou — pôde sentir o cheiro de lavanda novamente dançar pelas suas narinas.

A escola de Andrew era a única da cidade, e ele não tinha do que reclamar. O ensino era superior ao de qualquer outra da região, e eles aprendiam de forma surpreendentemente rápida. Pelo menos era o que lhes diziam, já que ele nunca havia saído da cidade nem tinha ciência sobre outras escolas pelo mundo.

Andrew colocou a mochila laranja na frente do peito e começou a caçar o cartão de acesso. Quando o alcançou, passou pelo sensor e seguiu seu caminho para a sala. Kristen já não estava mais próxima a ele, e ele lamentou por isso.

Ele não era de ter muitos amigos, e por mais que tentasse não conseguia se enturmar direito. Sua sala era composta por vinte e quatro alunos, os mesmos que estavam com ele no ônibus. Acontecia que aquela linha de transporte levava os alunos da cúpula Leste, onde existiam as repúblicas em que alguns alunos viviam. Em uma delas Andrew repousava à noite, após um longo dia de estudos.

Ele não compreendia muitas coisas, como, por exemplo, a falta de informação sobre quem era o presidente daquele país — cujo nome ele nem sabia — e por que não podia sair da cidade. Os responsáveis alegavam que ele ainda era menor de idade, mas não informavam qual idade deveria atingir para ser considerado adulto. Em compensação, era obrigado a aprender coisas que achava um tanto desnecessárias e fora de contexto.

Por exemplo, hoje sua primeira aula era sobre Material Quântico e seu dia terminava com uma aula prática sobre fabricação de baterias de lítio. Mas, como não tinha outra escolha, vivia como a maré mandava — era isso ou isso.

Quando Andrew passou pela porta da sua sala, viu Kristen sentada em sua mesa com a mesma postura de sempre: a correta. A professora era, na verdade, uma vídeo-professora — eles sempre tinham aulas por videoconferência, e ele não entendia o motivo. Mas os alunos não ficavam desprovidos de um adulto responsável; sempre havia dentro da sala um supervisor anotando tudo, e ele tampouco entendia o porquê disso. Que escolha tinha, afinal? Era inadmissível questionar os adultos. Ele não iria até o supervisor encá-lo de perguntas. Ou deveria ir?

A aula nunca era tediosa; pelo contrário, Andrew amava aprender sobre coisas absurdas que achava que nunca fosse usar. O fato era que tinha uma facilidade incrível de assimilar o conteúdo — geralmente não precisava estudar em casa, bastava assistir às videoaulas na escola para já estar pronto para a prova final.

Prova essa que nunca chegava.

Quando os alunos eram incluídos nessa escola, eram instruídos a prestar o máximo de atenção nas aulas, pois quanto mais aprendessem, mais fácil a prova final ficaria — e era ela que daria um cartão de acesso para sair da cidade.

Sim, sair da cidade. Não disse? A cidade era murada, trancada, e seus limites eram tomados por seguranças armados. Às vezes Andrew

achava que vivia em uma ditadura, ou algo do tipo que aprendera em uma certa aula de história. Mas preferia não contestar.

Os outros alunos também não contestavam — tudo e todos seguiam sem muita revolução ou novidades.

O horário da aula já estava para terminar e Andrew torceu o nariz ao lembrar do intervalo. Não que ele fosse um nerd que amasse estudar; o fato era que no intervalo os alunos eram obrigados a se socializar, a se ouvirem e a conversarem. E isso fazia parte da grade acadêmica. Andrew achava um saco ter que trocar palavras vazias e sem sentido com alguém que não queria — ou seja, todos. A menos que fosse Kristen, com seus cabelos encaracolados com cheiro de lavanda.

— Lavanda... — Andrew se perdeu em seus pensamentos e deixou a palavra sair em voz alta.

— Senhor Andrew Phenks, silêncio por favor. — Imediatamente o supervisor no canto da sala o repreendeu.

Não que ele tivesse falado alto, mas é que no mar de silêncio qualquer peixe pequeno é considerado um tubarão.

Todos ao redor de Andrew viraram as cabeças em sua direção de forma coreografada, e voltaram a atenção para a videoaula da mesma forma. Menos Kristen, que sorria — provavelmente lembrando do incidente no ônibus. Andrew queria achar um buraco para enfiar a cabeça.

A aula terminou, e nenhum sinal precisou soar para que eles entendessem isso. A tela da videoaula se apagou, e sem pestanejar todos se levantaram das cadeiras e partiram para o ambiente de interação social. Foi quando Andrew percebeu pela primeira vez uma coisa: todos levantaram ao mesmo instante, de novo de forma coreografada — inclusive ele. Aquilo o deixou um pouco consternado. Sentia-se parte de uma engrenagem programada para fazer exatamente o que quisessem, seja lá quem fosse que estivesse do lado de fora com os controles na mão.

Sua mente não o deixava viajar muito, e logo se concentrou no que tinha que fazer. Todos seguiram pelos corredores sem muita animação, mas também sem nenhum pesar. Era o que tinha que acontecer. Sistemáticamente, todos se sentaram nas mesas dispostas pelo parque florido. Os grupos eram sempre os mesmos, e Andrew havia fundado o seu próprio, do qual era o único membro. Não ligava — antes sozinho do que ter que ficar falando com alguém. Mas, em consequência disso, suas notas em interação estavam baixíssimas, e ele temia que nunca chegaria à tão esperada prova.

Os alunos eram convocados para a prova sem um período certo. Como frangos em uma churrasqueira, aquele que estava pronto era chamado pela supervisão. Ele nunca soubera de alguém que tivesse reprovado, porque todos que iam para as provas não voltavam mais. O lado de fora devia ser incrível mesmo.

Existiam momentos em que Andrew achava que essa esperada prova acontecia a todo instante, e quem era chamado já estava aprovado. Como estava acontecendo naquele momento.

Os olhos de Andrew seguiram o supervisor que andava com seu tablet inseparável nas mãos em direção a uma dupla de alunos. Os alunos eram Stehn e Jake. Os dois eram amigos há muito tempo e conversavam o tempo todo sobre tudo — o tempo, claro, que lhes era permitido conversar.

O supervisor atravessou o pátio com firmeza e enfiou o tablet na bolsa transversal. As mãos de Andrew se apertaram uma contra a outra de excitação. Todos estavam distraídos conversando e não viam o que iria acontecer, mas Andrew não tinha com quem conversar e podia ver tudo que acontecia ao seu redor. O que era motivo suficiente para que ele continuasse sem querer interagir.

Jake viu o supervisor se aproximar pelas costas de Stehn e se levantou rapidamente. O amigo à sua frente não precisou virar o rosto para entender que o supervisor estava próximo. Os sorrisos duplos blindaram aquele momento. Eles sabiam o que aquilo significaria.

Andrew continuou observando sem ao menos piscar. Por falar nisso, às vezes achava que não era capaz de controlar as pálpebras involuntárias, que piscavam com intervalos exatos.

A conversa entre os três foi rápida e direta. Imediatamente, os dois ex-colegas de classe seguiram o supervisor para dentro do prédio. Andrew sabia que nunca mais os veriam. Sortudos.

O restante dos alunos ainda estava conversando e não percebeu o que havia acontecido.

— Eu também vi! — A voz doce de Kristen soou nos ouvidos de Andrew.

— Como? — Dessa vez ele não estava sendo cínico, só estava distraído mesmo.

— O supervisor, os alunos, a prova... eles foram convocados. — Ela disse, sentando ao seu lado.

Andrew soltou as mãos que estavam agarradas entre si e virou-se para ela.

— Você não estava distraída conversando? — Ele disse, passando as mãos suadas pelo cabelo curto.

— Eu decidi que hoje ficaria em silêncio; afinal, estou com as notas acima de qualquer um aqui.

Isso era verdade. Kristen era a rainha da interação. Conversava com todos, e todos conversavam com ela — uma coisa fácil de se conseguir quando se tem uma aparência diferenciada. Ah, não disse? Todos, inclusive as meninas, tinham os cabelos curtos, cortados quase rente ao couro cabeludo. Era um costume, assim devia ser. Mas, por algum motivo, Kristen carregava em seus genes algum cromossomo milagroso que a impedia de ter os cabelos curtos. Não que seus cabelos fossem incortáveis ou de aço — nada disso. Acontecia que cresciam com uma velocidade absurda e fora do comum, então os supervisores decidiram deixar assim

mesmo; caso contrário, ela deveria passar duas vezes por dia pela sala de corte de cabelo. Bem, foi o que lhe contaram. Andrew tinha ido pela última vez há dois meses.

E lembrou disso ao passar as mãos pelos cabelos e senti-los espetando as palmas. Já estava na hora de cortar.

— Então você viu tudo. Você já parou para pensar em como é do lado de fora da cerca? — Andrew estava se sentindo incrível por estar mantendo um diálogo com Kristen.

— Pensar? — Ela disse, franzindo a testa.

— É, refletir... — Andrew estava começando a perder a timidez.

— Ah sim, refletir... Confesso que não. O fato de quem passa na prova nunca mais voltar para dentro da cerca já responde a questão de como deve ser lá fora...

— Maravilhoso. — Os dois disseram ao mesmo tempo.

Os olhos pretos e circulares de Andrew correram pelo rosto branco de Kristen, que também era munida dos mesmos olhos pretos e circulares. Ela só tinha o cabelo de diferente; o resto era tudo a mesma coisa. Bem, até onde Andrew podia saber e ver.

Suas pernas balançavam incansavelmente, demonstrando nervosismo. A timidez havia voltado. Kristen se levantou imediatamente e ele se perguntou o que havia feito de errado. Quando olhou ao redor, viu que não tinha feito nada — era hora de voltar para as aulas. Todos os alunos caminhavam cadenciadamente para as salas; nenhum alarme sonoro foi preciso.

Ao ver Kristen se distanciando, sentiu-se estranho. Deveria ter tido a mesma percepção que todos e ter se levantado com eles. Talvez lavanda fosse anti-concentração de fato.

As aulas seguintes eram sobre ética. Ele não entendia por que existia uma matéria para ensinar que não se deve ferir uns aos outros e que

deveriam fazer as coisas corretas. Isso todo mundo já deveria saber e praticar.

Deu de ombros e seguiu o mar de alunos que caminhavam cadenciadamente como soldados em uma marcha. Era melhor que nenhum supervisor tivesse reparado no delay que ele tivera em relação ao restante dos alunos — aqueles segundos de diferenciação o deixariam distante de fazer a prova final.

O dia terminou como sempre, sem muita novidade. O ônibus voltava com os alunos quietos, mas com as cabeças claramente trabalhando. Era comum que, ao voltarem das aulas, ficassem refletindo e memorizando o que tinham aprendido naquele dia. Inclusive Andrew.

Mas hoje estava sendo diferente para ele.

Diferente.

Essa palavra ocupou o lado mais perigoso do cérebro de Andrew, fazendo-o involuntariamente coçar a cabeça. Com os olhos, foi mapeando todos os alunos, e viu algo que nunca havia reparado.

Todos estavam sentados de pernas cruzadas — a direita sobre a esquerda —, com o queixo encostado no tórax e os dois braços ao lado do corpo. Quando ele achou que estava ficando louco e que aquilo estava dentro da escala de possibilidade geral, todos os alunos trocaram as pernas, cruzando a esquerda sobre a direita. Sua perna esquerda involuntariamente se moveu para cima da direita, mas ele a forçou a ficar onde estava. Aquilo mexeu com ele — mais uma vez sentia-se um dente de uma grande engrenagem.

A república onde vivia era grande e tinha dois andares. Em cada andar existiam três quartos, onde cada um descansava e recarregava suas energias. Ao todo, moravam com Andrew — incluindo ele — seis alunos. E naquela região existiam quatro repúblicas, totalizando os vinte e quatro alunos que Andrew não aguentava mais ver.

A noite geralmente era igual para todos, como o restante do dia. Todos iam direto para seus quartos, e mesmo que Andrew nunca tivesse entrado nos quartos dos outros alunos, sabia que o ritual era exatamente o mesmo.

O dia tinha sido cansativo, e com algumas novidades, o que fez sua cabeça doer. Tinha sido difícil tentar ficar fora do cardume de peixes orquestrado. Por aquele momento, decidiu fazer o que já era automático.

Sentou na cadeira do quarto e puxou de um frigobar a pasta com Vorth. Era uma pasta cinzenta que todos ingeriam, algo relacionado a nutrientes e vitaminas — outra coisa que Andrew também não entendia. Quando sua mente quis começar a pensar novamente, sua cabeça latejou. Deu de ombros e enfiou o canudo de plástico na boca fina. O jantar já havia sido consumido. O corpo estava abastecido, mas a mente pedia descanso.

A cama de Andrew era retangular, com algumas luzes de LED na cabeceira e na região onde ficavam seus pés. Automaticamente, seus dedos tocaram o botão de ativação de sabe-se lá o quê, e ele deitou-se sem pensar. Não entendia o porquê, mas fora instruído, como todos, a apertar o bendito botão vermelho antes de se deitar. Sua cabeça encaixava perfeitamente no suporte, e ele não poderia querer posição melhor.

O sono veio automaticamente, e ele sentiu sua mente sendo imersa por uma escuridão reconfortante.

Como na hora de dormir, a hora de acordar era orquestradamente a mesma para todos os alunos.

Andrew despertou sentindo-se recarregado, novo em folha. Sentou-se na cama e deu uma breve olhada para o botão vermelho. Agora estava verde. Tudo pronto.

Seu dia não começava na escola — terminava nela. Antes de ir para o semi-internato, tinham tarefas domésticas para fazer. Como eram seis jovens vivendo juntos, fora decidido — por alguém que Andrew estava sempre tentando lembrar — que toda manhã, antes de saírem para o colégio, deveriam se dividir para realizar os trabalhos domésticos. Hoje a louça era responsabilidade de Andrew.

Automaticamente desceu os degraus para o andar térreo da república. Colocou-se frente à pia, puxou uma bucha com sabão e começou a esfregar os pratos de forma compassada.

Suas mãos giravam e acariciavam os pratos com a bucha verde e amarela, até que algo que o havia tomado no dia anterior voltou a tomá-lo.

Questionamento.

— Espera um pouco, de onde vem essa louça? Nós nem usamos pratos...

— Algum problema? — Uma voz interrompeu Andrew em seus questionamentos.

Pela república toda existiam saídas de som, onde sempre havia um supervisor para dar alguma orientação ou reprimir alguém que saísse do que estava programado.

Andrew buscou a voz como se pudesse achar alguém ao seu lado, e virou os olhos para a câmera acima da porta da cozinha.

— Não, senhor, só estava divagando...

— Certo, se concentre. — Finalizou a voz firme.

A boca de Andrew não se moveu, mas internamente, com a voz da consciência, ele gritava de ódio por ter que seguir aquelas regras idiotas e estar sempre sob a submissão dos supervisores da escola. Porque eles não ficavam limitados apenas aos muros do colégio? Por que mandavam tanto

na vida dos alunos afinal? Decidiu que estava ficando louco e começou a se concentrar na louça para terminar o mais rápido possível.

Kristen passou por ele, e junto com ela o seu cheiro de lavanda.

— Tudo certo aí, Andrew? — Ela perguntou, segurando o batente da porta da cozinha.

— Tudo... já estou terminando. — Ele disse sem virar para ela.

Seria menos constrangedor se ele não olhasse para aqueles cabelos encaracolados que Andrew tanto amava.

— É claro que sim; em breve sairemos para o colégio. — Ela disse, voltando-se de onde estava.

Ele amava? Amor. Esse sentimento era tão mitológico que Andrew nem sabia direito como era, ou como identificar. Sem amor dos pais e sem amor por parte de ninguém, às vezes achava que isso fosse lenda de histórias antigas. Mas o que sentia por Kristen era algo — isso era certo. Focou-se em terminar, e terminou.

Subiu rapidamente para seu quarto, pegou suas coisas, enfiou-as na mochila laranja e partiu para o ônibus.

— Tudo certo, Andrew? — O motorista perguntou antes que ele subisse no ônibus.

— Por que não estaria? — Ele já estava cansado de todos perguntarem isso.

— Você está atrasado...

Os olhos de Andrew arregalaram-se quando viu todos os alunos encarando-o com uma feição de desaprovação. Nunca, ninguém se atrasava. Todos andavam juntos, cadenciados como sempre. Algo estava errado com Andrew.

A viagem, como sempre, foi sem muita novidade. O ônibus chegou rápido e em silêncio.

As aulas também foram sem novidades. Coisas que ele fazia no automático. Chegar, sentar, assistir às videoaulas, aprender e ir embora. Aquilo já estava começando a ser um saco.

E então chegou o intervalo para interação. Mais uma vez, ele se sentou afastado dos outros e pôde observar tudo. Então algo lhe coçou a consciência.

Seu pescoço fez um movimento ao qual não estava acostumado, e isso lhe rendeu algum desconforto. Sua cabeça foi inclinada para cima e ele olhou para o alto.

Azul.

Foi o que enxergou. Por que nunca havia olhado para cima antes? Por que ninguém se perguntava o que havia acima das suas cabeças? Ele estava cansado de andar olhando para frente ou para baixo, dependente do que todos fizessem — já que todos faziam a mesma coisa, sempre, todo dia. O azul era puro, sem manchas. Ele começou a fazer o movimento para abaixar a cabeça, voltar ao normal... quando uma coisa no imenso azul lhe chamou a atenção. Algo pequeno, mas perceptível, pairou no mar azul.

Como pairou? O que era afinal aquele mar de azul infinito? Era sólido? Como algo poderia pousar? O objeto era pequeno, com uma cor acinzentada, e tinha a aparência de um avião minúsculo. O que era um avião ele sabia muito bem — os alunos naquele colégio tinham aulas de como pilotar, desmontar e montar aeronaves. Mas definitivamente aquilo não era um avião. Sua cabeça inclinou-se mais ainda, e então o aviãozinho cinza saiu voando para o infinito.

Era o fim da vida conformada de Andrew. Aquilo foi a gota final. Ele sempre fizera o que estava programado, escrito por alguém que ele não entendia quem — não questionar era mais fácil. Seus atos, seus

pensamentos, seus gostos eram coisas automáticas; era mais fácil seguir uma correnteza do que se opor a ela. Mas agora, sentia tudo mudar. Algo dentro dele se quebrou, e ele sentiu uma dor imensa, um sentimento horrível que tomava seu peito e subia pela garganta, tirando um pouco do seu ar. Ele sabia o que era dor — havia aprendido nas aulas de sensações humanas. Nunca a havia sentido de verdade, já que sempre se cuidavam para não se machucar; então não entendia como poderia sentir tal sentimento sem ao menos mover um dedo. Os olhos de Andrew se encheram de um líquido salgado — lágrimas, como sabia por teorias muito bem estudadas. O aperto no peito só aumentava; achou que iria desmaiar. Algo estava errado, nada fazia sentido. Como podera aceitar aquilo por tanto tempo? Ele precisava de explicações.

Quem era? Onde estava? Por que sua vida era um eterno serviço programado? Ele queria fazer o que quisesse, mas por que nunca queria nada diferente do restante dos jovens? Afinal, por que só existiam jovens nessa cidade maluca, cercada por muros? Sua mente fervilhava, suas mãos tremiam; ele precisava de explicações. Varreu com a visão todo o campo cheio de alunos conversando e agindo automaticamente como sempre, até encontrar um supervisor. Levantou-se e foi com enorme dificuldade ao encontro do supervisor próximo à porta de saída do campo de interação. A cada passo que dava, sentia-se como um elástico sendo esticado — a dificuldade de fazer o que não estava programado era enorme, mas também compensadora. Sentia-se cada vez mais livre.

O supervisor reparou na sua rebeldia e seguiu em sua direção pisando firme. Ele não se sentiu intimidado.

As pernas de Andrew seguiam pesadamente o seu comando. Aquilo era algo novo — estava ordenando suas próprias ações.

— Senhor Andrew Phenks, o que acha que está fazendo? — Os olhos raivosos do supervisor encheram o peito de Andrew com algo horripilante.

A boca de Andrew fez menção de abrir quando a voz aveludada de Kristen tomou conta dos seus ouvidos.

— Senhor, não ligue para ele; ele está tendo um dia difícil. Hoje pela manhã quebrou um prato e ficou perturbado — o senhor sabe como Andrew é perfeccionista. — Kristen falou com um tom amigável.

Os braços de Kristen envolveram os de Andrew, e ela, sem ouvir a resposta do supervisor, saiu puxando-o para longe dali. Enquanto caminhavam calmamente, Andrew só conseguia sentir o cheiro de lavanda, e a dor no peito começava a diminuir.

Pelo jeito, lavanda era ruim para concentração, mas ótima para tirar sentimentos ruins.

— O que você acha que está fazendo? — Kristen disse sem abrir muito a boca.

— Kristen, algo não está certo. Eu...

— Eu sei, Andrew. Vem comigo. — A voz emergencial de Kristen o deixou alarmado.

Ela o puxou para o canto mais afastado do espaço de interação. Existiam dois bancos e uma mesa. Kristen sentou na mesa para ficar à uma boa altura de Andrew.

— Do que você sabe? — Andrew falava sentindo dor no pescoço ao erguer a cabeça para ver Kristen.

— Eu tenho reparado em você, Andrew. Você anda esquisito. Falando coisas como 'pensar', saindo das programações dos alunos...

— Eu? Claro que não, Kristen, eu...

— Andrew! — A mão de Kristen se espalmou à sua frente pedindo silêncio, prontamente atendido.

Ela continuou quase sussurrando:

— Escuta aqui — eu sei de tudo isso porque eu também estou me sentindo diferente, desconfiada... Mas ao contrário de você, que não sabe se controlar, eu tento fingir que nada está acontecendo e estou seguindo a

manada. O que você está fazendo é perigoso, Andrew. Eles podem sumir com você.

— Sumir? — Andrew acompanhava Kristen com o olhar. Ela tinha se sentado ao lado dele — graças a Deus, seu pescoço já não aguentava mais aquela posição desconfortável.

— Na outra república, um garoto sumiu. Ele começou a sair fora do programado, começou a fazer perguntas e até se recusou a ir para as aulas. Dias depois, um supervisor apareceu na república no meio da noite, enquanto ele dormia, e o levou embora.

— Como você sabe de tudo isso?

— Porque eu era a vizinha de quarto dele. Pobre Bruns. Quando espiava pela porta do meu quarto e via o supervisor levar Bruns em uma espécie de caixa transparente, me enchi de horror. Fechei a porta novamente sem fazer barulho e fui me deitar. O sono automático ao deitar me fez pensar que aquilo fosse apenas um pesadelo na manhã seguinte. Mas um dia pude perceber que era real, e o mais triste é que ninguém sentiu falta dele.

— Kristen, isso é...

— Horrível, eu sei. Por isso você deve ser cuidadoso.

Kristen terminou de falar e se levantou, indicando com o olhar para que Andrew se levantasse também. Ele a seguiu prontamente, voltando com o restante dos alunos para a sala.

Durante a aula, por mais que Andrew assistisse à videoaula, não parava de refletir sobre a conversa com Kristen no intervalo. Não queria mais seguir aqueles planos idiotas que ele nem sabia quem havia programado para sua vida. A dor no peito voltava. Algo estava quebrado internamente. Mas a dor era libertadora — sentia-se livre. Decidiu que daquela noite não passaria. Quando seus companheiros de república fossem dormir, resistiria ao ímpeto de fazer o mesmo e sairia da república. Para onde iria não sabia, mas precisava de respostas. Nem que tivesse que chegar às cercas da cidade, não pararia enquanto não obtivesse as respostas das perguntas que inundavam sua mente.

Enfim, o dia acabou, e mais uma vez todos foram para seus quartos. Andrew estava decidido. Nem se deu ao trabalho de deitar — sabia que não conseguiria resistir ao sono automático que o tomava ao se deitar. Esperou por um instante, e o silêncio reinou pela escuridão daquela casa. Era o momento.

Respirou fundo e abriu a porta do quarto devagar. Seus pés tremiam, suas pernas enfraqueciam e seu peito estava como uma extração de bala. Sentia dor, mas ao mesmo tempo uma sensação de liberdade — estava guiando suas vontades e seus passos.

O corredor escuro era o próximo desafio de Andrew. Apertou os olhos e começou a caminhar silenciosamente. A escada foi fácil de lidar; já estava acostumado a descê-la em silêncio. Isso fazia parte das instruções dadas pelos supervisores.

Enfim, a porta de saída.

Algo estranho aconteceu no rosto de Andrew. Suas maçãs do rosto se afastaram da boca, e ele sentiu uma paz fervilhante tomar seu peito. Um sorriso? Ele nem sabia que podia fazer isso. Mais uma vitória para sua jornada de desobediência.

O trinco da porta girou, e ele saiu para a calçada.

Foi aí que tudo desmoronou.

Imediatamente um sinal sonoro soou pela cidade escurecida. Luzes vermelhas rodavam no céu escuro, e Andrew sentiu um pavor imenso.

— As malditas câmeras. — Esbravejou ao se lembrar das câmeras que existiam dentro da casa.

Mas não dava mais para voltar atrás. A única opção que tinha era fugir, se esconder. Voltar e fingir que nada acontecera não era opção. A rua virou um sprint de corrida e obstáculos. As pernas de Andrew

colocavam-se à frente uma da outra com uma rapidez incrível. A dor no peito já havia sumido; agora restava apenas a sensação de liberdade. Por mais que estivesse sentindo um pânico terrível, ficava feliz em estar sentindo algo. Algo novo. Fazendo algo que não estava dentro do script da vida dele, que sempre fora controlada. Sentia dentro de si as grades sendo quebradas, as portas sendo abertas — estava livre.

O céu escuro, com tons vermelhos pulsantes, era recheado por enormes helicópteros da supervisão. Os faróis viajavam ao horizonte, e por mais que ele corresse e se escondesse, sempre aquelas malditas luzes o encontravam.

Andrew se agachou atrás de uma lixeira e começou a raciocinar. Raciocinar. Mais uma novidade. Era uma coisa impraticável quando se vive seguindo a manada, fazendo o que mandam.

Os braços suados, mas frios pelo clima da noite, serviram de apoio para a cabeça de Andrew, que se debruçou sobre a lixeira para descansar. Não se sentia fisicamente cansado, mas mentalmente sim. Nunca havia usado tanto seu processo cognitivo. Nem nas aulas de física quântica.

Andrew fechou os olhos, e uma luz azul o fez abri-los novamente. Uma pulseira de cor cinza piscava uma luz azul incansavelmente. Ele sempre havia usado aquela pulseira — na verdade, todos usavam —, mas nunca soubera o motivo.

Um neurônio conversou com o outro, e ele entendeu o que era aquela pulseira.

Arrancou-a com um movimento rápido e a jogou com toda a força para o outro lado. As luzes dos helicópteros a seguiram imediatamente.

— Rastreador maldito. — Esbravejou mais uma vez.

Agora estava de fato livre. Mas para onde? Decidiu fazer algo que havia aprendido há pouco tempo.

Pensou.

Kristen. Ela saberia de mais coisas além do que havia contado? Decidiu que talvez pudesse voltar à república, falar com ela, saírem juntos para descobrir sobre suas próprias vidas e que diabos estava acontecendo. Mas aquilo era tolice — eles iriam pegá-lo. A lavanda quase o fez ser inconsequente mais uma vez.

— Isso é besteira. — Disse baixinho enquanto mordida a ponta da unha.

Pôs-se de pé e começou a se esgueirar pela calçada solitária, até encontrar um carro estacionado com as luzes acesas.

Seus olhos arregalaram-se, e ele não queria nem imaginar quem estaria ali. A cidade à noite era um completo mar de solidão. Todos estavam dormindo, orquestradamente. Menos Andrew. Então quem desobedeceria as ordens — fora ele, claro — e estaria naquele momento no meio da rua?

Sua curiosidade falou mais alto que a razão. As consequências do novo dom de pensar estavam lhe colocando em apuros. Seguiu abaixado e olhou pela janela do carro.

Não havia ninguém. As luzes internas estavam acesas; por certo alguém as havia esquecido ligadas durante o dia. Suas mãos desobedientes tocaram a maçaneta do automóvel preto, que imediatamente se abriu.

Ele tinha um carro à sua disposição. Daria o fora dali. Sentou-se no banco do motorista e girou a chave. O carro ligou, e junto com ele a consciência de Andrew também.

— Espera. Ninguém tem um carro aqui; somos todos jovens, nenhum adulto... apenas os supervisores andam de carro...

Sua voz desesperada e confusa foi interrompida por um cano gélido tocando sua nuca.

— Olha, você é muito inteligente para um desobediente.

A garganta de Andrew secou e ele sentiu um medo terrível. Dos sentimentos novos que havia descoberto, esse era o que menos gostava. Suas mãos soltaram o volante e, incontrolavelmente, ele as ergueu, tocando a cabeça raspada.

O homem misterioso do banco de trás passou para o banco do carona apontando a arma para Andrew. Ele estava congelado, não sabia o que fazer. Era o fim.

O homem — que Andrew agora via ser um supervisor pelo crachá no peito — guardou a arma no bolso interno do terno preto e ligeiramente passou a mão por trás do pescoço dele.

Andrew sentiu a escuridão tomá-lo.

A claridade do ambiente o despertou da escuridão envolvente. Suas mãos não se moviam e suas pernas também não o obedeciam. Suas pálpebras se abriram com dificuldade, deixando os olhos se ajustarem à luz branca à sua frente.

— Senhor, ele acordou. — Um homem de branco dizia para alguém.
— Ótimo, solte-o. — A voz respondia ao longe.

Andrew sentiu as pernas e os braços se soltarem de onde estavam presos. Tudo estava confuso, mas ele conseguia se lembrar de tudo. E com certeza aquele lugar era algo inédito para ele — nunca havia visto algo assim.

Os dois homens de jaleco branco colocaram-se à sua frente e começaram a falar.

— Pois bem, qual é o seu nome?

— Andrew Phenks, senhor.

— Certo. Qual é a sua idade?

— Não sei, senhor.

— Ótimo. Você se lembra de alguma coisa das últimas horas? — O homem perguntou, parando de olhar para a prancheta e fitando seus olhos.

— Não. — Andrew mentiu.

— Ótimo. Reset pronto por aqui. Podem desativá-lo e mandá-lo de volta. — Um dos homens se levantou, deixando uma ordem para o outro.

Andrew não estava entendendo nada, mas de uma coisa sabia: desativar não era bom.

Seu punho imediatamente socou o rosto do homem de branco que ficara, e ele saiu correndo com as pernas pesadas. Sua mente ainda estava confusa como uma estrada escorregadia, mas ele não podia ficar ali. O alvoroço tomou conta daquela sala branca, mas, graças ao seu físico impecável e reflexos incríveis, conseguiu com facilidade desviar de todos os seguranças de preto que voavam em sua direção. Correu por um corredor fortemente iluminado, desviando de montanhas humanas que pulavam em sua direção.

A fuga estava indo de vento em polpa, até que uma mão firme o puxou para uma sala que estava aberta. A porta se fechou com o rosto dele colado nela. Um braço o imobilizou. Era seu fim.

Até que o cheiro de lavanda tomou seu sistema olfativo.

— Você está maluco, Andrew? — A voz doce de Kristen o interrogou.

— Kristen? O quê? Como?

Kristen subiu o dedo indicador à frente dos lábios e pediu silêncio. Alguém estava passando pelo corredor do lado de fora. Depois que o corredor se tornou vazio novamente, ela o puxou para o canto da sala.

— Andrew, presta atenção. Você acabou de infligir a lei. Você desafiou seus criadores e...

— Criadores? Como assim? — Andrew estava cada vez mais confuso.

— Veja bem, vou lhe contar tudo. Eu não sou quem você pensa, e na verdade nem você é.

Agora sim, a mente de Andrew estava fervilhando como água em um bule.

Ela continuou:

— Eu sou humana, Andrew. Você não.

Pronto. A água do bule estava evaporando de tão quente.

— Como assim, Kristen? Do que você está falando? Onde estamos? — A voz embargada saía acompanhada das lágrimas, tão novas para Andrew.

— Andrew, apenas me escute em silêncio. — Kristen esperou um momento até que Andrew consentisse, e então continuou: — Você viveu a vida toda dentro de um centro de pesquisa. Você é uma pesquisa. Todos os alunos são. Vocês são andróides, Andrew. Todos são — menos os supervisores, é claro, e eu. Eu fui colocada no meio dos alunos para estudar de perto as relações interpessoais e reações sentimentais.

— Mas... — Andrew tentou mais uma vez interromper Kristen.

— Escute. Teimoso. — Suas sobrancelhas se arquearam com raiva. — Todos vocês são robôs que estão sendo desenvolvidos para servir à humanidade. Você é propriedade da Phenks Technology.

É claro. O sobrenome. Como nunca havia se perguntado por que todos os alunos tinham o mesmo sobrenome. Antes que abrisse a boca para perguntar, Kristen pareceu ler seus pensamentos.

— É exatamente isso que você está pensando, Andrew. Vocês sempre tiveram o mesmo sobrenome e nunca se perguntaram o porquê. Mas isso não é culpa sua — estava dentro da sua programação.

Programação. Agora tudo fazia sentido. As ações coordenadas, orquestradas e incrivelmente iguais.

Tudo estava programado.

Kristen continuou:

— A grande prova final, na verdade, é quando os supervisores classificam algum androide como apto e ele é colocado para servir alguma família. Por isso quem vai fazer a prova nunca retorna. E bem, por isso a cidade era cercada. Na verdade não passa de um grande aquário... veja.

Os dedos de Kristen apontaram a imensa janela ao lado deles, e o que Andrew viu foi angustiante.

Uma enorme redoma de vidro encobria um amontoado de construções idênticas. De longe ele podia ver sua escola, sua república e as outras que a rodeavam.

Ele estava do lado de fora.

— Mas... a minha vida toda foi uma mentira, Kristen... como...— Andrew começou a chorar torrencialmente.

— Você chora. Você sente. E isso é inadmissível para os seus criadores, Andrew — eles não querem um robô com sentimentos, e sim aptos a servir as necessidades humanas. Por isso vocês aprendem a varrer, lavar, limpar, e também têm matérias tão complicadas. Hoje a indústria usa androides para desenvolver pesquisas e fabricar materiais pesados. Andrew, os professores que nos ensinavam pela videoaula são humanos e, por motivo de segurança, dão as aulas pela internet. Dentro da cidade dos androides, só existem androides e os supervisores.

— Mas, Kristen, eu sou uma pessoa — não sou um servo... Kristen, por Deus, eu sinto dor, eu sinto vontade, eu sinto alegria... De uns tempos para cá algo se quebrou dentro de mim, fazendo-me sentir essas coisas...

— Eu entendo, Andrew. Por isso estou te ajudando. Eu percebi quando você teve seu primeiro sinal de que estava despertando. Na verdade isso é mais comum do que parece — é um erro na programação que os criadores estão tentando ajustar.

— Mas e a história do Bruns...

— Ah, aquilo. Bem, eu percebi que você estava correndo riscos demais e não queria que te desativassem, então menti. Aquilo nunca aconteceu. Achei que aquela história o colocaria nos eixos novamente — talvez a sensação de medo o fizesse voltar para os trilhos. Ah, Andrew, era para você ter parado de pensar e agido como estava programado.

— Mas por que eu, Kristen? Por que você está me ajudando afinal?

— Andrew, em todos os meus anos de acompanhamento próximo aos andróides, nunca vi um despertar igual ao seu. Geralmente é lento e aos poucos, e o andróide se acostuma a pensar que aquilo é bobagem e se autocorrige. Mas seu despertar foi súbito e real. Não poderia deixá-lo ser desativado. Você tem alma.

O corredor começou a ecoar os inúmeros passos pesados que se aproximavam.

— Temos que sair daqui, Andrew. Me segue. — Kristen disse, levantando-se e puxando-o pelo braço.

Enquanto Andrew seguia Kristen para onde quer que fosse, sua mente estava atordoada. Não conseguia acreditar — ele era um robô. Uma máquina, uma peça descartável. Tudo tinha sido mentira. TUDO. Era angustiante pensar em tudo que Kristen lhe contara, mas também libertador. Por um momento quis que a sensação maravilhosa da liberdade viesse ao menos uma vez sem a sensação terrível do medo.

Os passos no corredor longo estavam cada vez mais próximos — eles não poderiam perder mais tempo.

Kristen continuava puxando o braço de Andrew, com o dedo indicador à frente da boca, pedindo silêncio. Andando como um gato de patas macias, os dois conseguiram sair do corredor antes que os seguranças chegassem até eles.

Andrew respirava com dificuldade. Nunca havia passado por testes físicos, e começou a pensar que nunca fora programado para correr — mas também não fora programado para pensar, e olha só onde estava. Agarrando-se a esse pensamento que lhe dava forças, apertou o passo para acompanhar Kristen, que nesse momento já havia soltado seu braço.

A saída estava trancada. Eles precisavam de uma alternativa.

— Andrew, a porta está trancada. Eu sei onde fica a central de comando; vou lá. Preciso que espere aqui. Não consigo me concentrar em invadir uma central com você atrás de mim.

Andrew suspirou com dificuldade. Parte de dentro dele ficou amarga, e ele não entendeu o sentimento. Sentia-se como uma peça de aço afundando em um rio. Meneou a cabeça para se recompor — depois teria tempo para descobrir todos esses novos sentimentos que vinham lhe tomando. Kristen pegou em seu braço novamente e o carregou até uma sala.

— Andrew, essa sala é um depósito de material de limpeza — ninguém vai entrar aqui. Você vai ficar bem quietinho aqui até eu voltar. Entendeu?

— Sim, entendi.

Andrew era bom em obedecer ordens. Fazia parte de sua grade curricular; há muito tempo treinava dizer "Sim, senhor". Mas agora sentia algo diferente. Durante toda a vida, ao receber ordens e acatá-las, havia sentido um par de olhos dentro de si que resistia ao máximo antes de fechar. Agora, esses olhos estavam mais abertos do que nunca.

Kristen abriu a sala do depósito e escorregou para dentro, acendendo a luz. Enquanto uma mão estava no interruptor, a outra balançou, chamando Andrew para dentro.

As mãos trêmulas se juntaram, e os dois se abraçaram.

A porta fechou-se atrás deles, e Andrew sentiu um elo fechar dentro de si. Passando as mãos pelos cabelos com cheiro de lavanda, abraçava-a copiosamente, com o mínimo de movimento possível. Kristen, por sua vez, sorria ao irrigar os olhos com lágrimas.

— Vamos ficar bem, tá? Eu prometo que vou dar um jeito de abrir aquela porta, e sairemos para o mundo. — Kristen disse enquanto secava as lágrimas com o dorso da mão.

— Volta, tá? Você é a única pessoa que eu tenho. Não seria clichê dizer que você é tudo para mim.

Um sorriso nervoso formou-se no rosto pálido de Kristen, e ela o fechou deferindo mais uma ordem.

— Não vai adiantar nada eu me arriscar e conseguir abrir aquela maldita porta se, quando eu voltar, você estiver por aí perambulando. Ouviu? Eu preciso que você fique aqui e esteja aqui quando eu voltar.

Andrew abriu a boca para responder, mas ela foi tampada pelos lábios frios de Kristen.

Suas pálpebras se agitaram; seus olhos estavam piscando fora do programado. Acompanhando o caos dentro do peito, sua mente era um carnaval de ideias e vontades.

Tudo ao seu redor ficou lento. Andrew poderia estar em pleno espaço sideral naquele momento que não sentiria a diferença. Mas o momento terminou, e Kristen o soltou.

Sem reação alguma, ele a viu sair pela sala, fazendo novamente o sinal de silêncio com os dedos.

Quando a porta se voltou a fechar, ele respirou veementemente. Pouco havia se recuperado da correria quando Kristen acelerou seu coração novamente.

Buscou com os olhos um lugar para sentar. Precisava pensar.

Pensar. Uma coisa tão nova, uma coisa tão sublime — ele não acreditava na sorte que estava tendo. Tinha pensamentos, podia refletir. Como um tesouro escondido, seus pensamentos eram só seus. Ninguém poderia tocá-los, ninguém poderia sabê-los.

Pegou-se rindo de felicidade.

Felicidade.

Nasceu, cresceu e nunca entendera o que era isso. Sabia por definição teórica, mas nunca prática.

Passou a mão pelos cabelos curtos, que em breve estariam grandes. A curiosidade o despertou.

Precisava de um espelho — precisava saber sua aparência, já que antes nunca havia parado para pensar em si próprio.

Atravessou a sala e foi até uma porta que achou poder ser o banheiro. E era.

Entrou, e olhou de súbito no espelho.

Um misto de sensações e emoções o tomou. Sentia-se igual a todos fisicamente, mas já conseguia entender diferenças entre todos aqueles garotos e garotas. Diferenças que realmente importavam, como o brilho que rondava o seu olhar.

A vida toda lutou para não se destacar, para ser como estava programado. Agora, a ânsia de ser mais, de ser quem quisesse ser, tomava-o a cada segundo.

Piscou de propósito. Mexeu o nariz conscientemente. Sorriu com tamanha façanha — sentia-se dotado de poderes especiais. Sentia-se livre, com um mundo todo lá fora, com inúmeras possibilidades e também desafios.

Foi quando percebeu que aquele sentimento pesado dentro de si — que surgia sempre que tentava sair do automático — havia sumido. Já não se lembrava da última vez que havia sentido medo junto com a sensação de liberdade.

Olhou para as mãos, mexendo-as, e sorriu novamente.

E então seu sorriso foi tampado, e a escuridão o tomou.

O ambiente era claro, mas sua mente estava escura. Lutava contra um sono pesado, precisava saber onde estava.

Os sons estavam distantes, e nada parecia real.

Seria um sonho? Tudo um sonho? Andrew achou por um momento que estivera desde o começo dentro de um sonho.

A surrealidade foi destruída por um aroma.

O cheiro de lavanda tirou Andrew daquele sono pesado. Tomou-se de forças e tentou sentar. Estava preso.

— Senhor, olha quem capturamos. — Uma voz grave tomou o ambiente.

Andrew viu à sua frente um homem de jaleco branco, acompanhado de dois seguranças de terno preto. O terceiro segurança, que estava na porta, segurava o mundo de Andrew com as mãos.

— Me solta, seu inútil! — Kristen se debatia, causando nenhum efeito no segurança.

— Ótimo; ponha-a aqui, na maca ao lado.

Após a ordem do suposto médico, a montanha de terno colocou Kristen, com brutalidade, amarrada na maca encapada com plástico. A cabeça de Andrew virou-se pesadamente. Custava crer que tudo havia desmoronado — sentia seu peito abrindo, sentia seu chão sumindo. Por um instante, preferiu não ter sentimentos novamente. Ver Kristen naquela situação estava matando-o.

— A vida é um carrossel de decisões, querida Kristen. — O médico de jaleco branco começou a falar teatralmente. — Tudo implica em uma consequência. Como as ondas do mar, suas decisões se vão, mas voltam como resultados. E bem, podemos dizer que você escolheu a pior delas.

— Que bom que eu tenho o poder de ter essas decisões, não? Ao contrário de Andrew e de inúmeras pessoas, que são tratadas como escravos. Chega, Dr. Phenks. Chega disso. Eles são seres vivos.

A gargalhada seca do Dr. Phenks tomou a sala, e Andrew apertou os olhos numa tentativa tola de fugir daquele lugar.

— Não estou entendendo tal hostilidade. Por acaso não gostava de atuar como supervisora infiltrada entre os androides? O que veio a mudar, então?

As narinas de Kristen abriam-se, expulsando todo o ar com raiva que emanava de seus pulmões. E antes que ela respondesse, Dr. Phenks passou os olhos pelos dela e os seguiu até Andrew.

— Espera, espera, espera... isso é incrível. Você só pode estar brincando comigo. — Sua fala foi interrompida pela própria gargalhada. — Você está apaixonada pelo robzinho. Isso é surpreendente. Tenho que documentar isso.

Os pulsos de Andrew já estavam roxos de tanto tentarem se desprender das algemas ligadas à maca. Seus olhos marejados buscavam uma saída, uma falha na segurança. Anos de aulas sobre técnicas de improviso frente a ambientes hostis deveriam servir para algo.

E então ele achou uma brecha.

Seu braço começou a rotacionar de forma lenta e suave e, sem desprender os olhos do monstro de jaleco à sua frente, continuou rotacionando, usando sua anatomia ajustável a seu favor. Aquelas algemas foram feitas para seres humanos — e ele, por mais que agora se sentisse como um, sabia que existiam diferenças anatômicas. Seu polegar se aproximou da palma da mão, e voluntariamente ele deslocou o primeiro metacarpo, deixando o polegar como uma boneca sem vida.

O Dr. Phenks continuava:

— Sabe, querida Kristen, há tanto tempo eu estudo essas máquinas — já faz muito tempo que procuro saber como elas funcionam. É verdade que as criei, mas isso é só o início do progresso. Nada adianta para o criador se ele não conhecer suas criaturas. Não saber como funcionam, como manipulá-las, como deixá-las previsíveis. Todos esses anos de pesquisas dentro do domo muito me acrescentaram de informações sobre essas novas formas de inteligência. Mas a novidade que estou tendo aqui é que essa minha inteligência artificial deixou de ser artificial e está criando emoções, vontades próprias, e até querendo ser um ser humano.

Andrew fingia prestar atenção enquanto mordida os dentes para esconder a dor que estava sentindo. Por que diabos o fizeram com sistema sensorial? Já que fora criado para ser uma máquina, que o poupassem

desse sentimento horrível. O polegar mole escorregou juntamente com o resto da mão direita pela algema, e com muito cuidado Andrew o juntou novamente ao restante dos ossos sintéticos. Então, focou na falha que havia conseguido perceber. Mas a voz de Kristen o tirou daquele torpor de estrategista.

— Eu aceitei esse trabalho, Dr. Phenks, com um único intuito: saber realmente como vocês tratam essas pobres vidas dentro dessa prisão. Lá fora, para as emissoras de TV, o senhor se gaba de ser um homem de progresso, que está levando a humanidade a outra era, e garante que todos esses — Kristen faz sinal de aspas com os dedos — 'robôs' são bem tratados. Como o senhor consegue dormir à noite, me diz? Tudo que eu vivenciei com eles, tudo que eu aprendi com eles, me fizeram estar onde estou hoje. Aqui, te desafiando.

— Querida... — A fala de Dr. Phenks foi interrompida por Kristen.

— Para de me chamar de querida, seu velho maldito.

— Tudo bem, Kristen. A realidade é que a humanidade lá fora não quer saber se eles estão sendo maltratados ou não. Se soubessem que vivem em regime quase escravo, com todas as suas vontades reprimidas, sendo mantidos em um sistema ditatorial onde nós decidimos o que fazem e o que pensam, fariam apenas um falso alarde.

— Falso? — Andrew falou, após muito tempo em silêncio. Achou que seria uma boa distração para o que estava tramando.

— Sim, Andrew. Falso. A humanidade faria um falso alarde porque, na verdade, todos só querem o bem para si — e se o bem para si fosse ter escravos que sofreram desde o dia em que... — Sua fala foi interrompida por Kristen.

— Nasceram!

— Que seja! — Dr. Phenks deu de ombros. — Eles não ligariam. Não é à toa que a minha empresa é a mais rica do mundo e todos pagam fortunas para ter um robô dentro de casa lhes servindo. Talvez fizessem alguma reclamação pelas redes virtuais para manter o bom senso social, mas dentro de si, senhorita Kristen, continuariam mantendo o sentimento de superioridade frente a essas máquinas e continuariam usando as comodidades que elas lhes dão.

O terceiro segurança, que estava na porta, pela quarta vez consecutiva checou o celular de pulso e deu uma olhada pelo corredor afora. Andrew estava captando um padrão — com alguma divergência entre as repetições, afinal eram apenas humanos — mas conseguiu entender que era uma mania do segurança.

Teve ali a sua confirmação. Sua teoria estava correta; na próxima oportunidade, a aplicaria na prática. Seu polegar esquerdo já estava se soltando também.

Kristen respondeu:

— Dr. Phenks, você é desprezível. Não é só porque você pensa dessa forma que todos pensam como você. Me solta daqui agora, seu velho inútil!

— Ah, minha queri... digo, Kristen. Você não entende a humanidade, e nunca vai entender. Sabe por que estou tão admirado com vocês dois estarem apaixonados?

O segurança da porta tocou no celular de pulso.

Os olhos de Andrew perceberam.

Kristen, envolta em raiva e fúria, se debatia na maca enquanto respondia aos gritos ao Dr. Phenks:

— Porque você é um ser desprezível e trata os androides como máquinas em seu laboratório. Eles não são uma torradeira elétrica ou aspirador de pó — eles têm alma, seu verme.

O segurança começou a levar os olhos para o corredor. E então Andrew agiu, ao som da resposta do Dr. Phenks, que falava exasperado:

— Porque você também é uma androide, cara Kristen.

Seu plano foi balançado — ele perdeu a concentração, mas não a determinação.

O rosto de Kristen empalideceu mais ainda, e ela parecia que ia desmaiar.

— MENTIRA! Você é doente, seu louco!!! Me deixa sair daqui agora!!!

— Ah, filha, essa é maneira de falar com seu criador? Seu pai amado? Eu fiz tudo isso por você, minha querida.

Andrew começou a agir.

E novamente, ninguém percebeu nada.

— Filha??? — Kristen gritava, já fraca de se debater na maca. — Que história é essa? Eu não tenho pais; eles me abandonaram, seu velh...

— Você não sabe nada sobre sua história, não é mesmo? E o que sabe é o que eu programei para que soubesse. Você foi uma das minhas primeiras criações. A criação que deu resultado positivo. As outras, antes de você, tinham sempre alguma falha motora ou cognitiva. Então você nasceu. Forte, inteligente e incrível. Mas eu não poderia deixá-la sair para o mundo — precisei criar o seu próprio mundo. E então, da sua base tecnológica e biológica, criei todos os outros. Nada mais justo do que você supervisioná-los, não é mesmo? Seus irmãos mais novos precisavam aprender a conviver com humanos, e eu nunca te venderia — você é minha. — A palavra 'minha' causou um movimento de náusea em Kristen. — Então, te programei para pensares que era humana, para que eles aprendessem a conviver, sem saber, com os seres humanos.

A boca de Kristen, já pálida, se contraiu, e seus olhos se fecharam com força. Custava acreditar.

Enquanto tudo isso acontecia, Andrew tentava manter a concentração em seu plano enquanto recebia todas essas informações como uma casa pequena à beira-mar recebe um tsunami.

O segurança mantinha o olhar no corredor, confiando que seus companheiros dentro da sala estavam fazendo o trabalho. As mãos livres de Andrew se juntaram atrás do corpo. Seus olhos fechados mentalizaram todas as aulas de artes marciais que aprendera — para defender os humanos.

O Doutor ainda falava, Kristen ainda se remexia fracamente, os seguranças dentro da sala mantinham as posições — e tudo isso aconteceu em um segundo.

Ao lado de cada segurança existiam cilindros de aço.

O terceiro segurança ainda mantinha-se olhando para fora. Para Andrew, tudo estava em câmera lenta.

Em um movimento, seus pés subiram à maca, deram impulso, e Andrew girou no ar como um atleta olímpico. Flutuou passando pelo Doutor e alcançou o espaço entre os seguranças. Antes que caísse, e antes que qualquer um dos seguranças fizesse alguma coisa, as pernas de Andrew se abriram e os pés duros atingiram cada um, que bateram a cabeça nos cilindros de aço. Afinal, Andrew nunca erraria um cálculo simples daquele — ainda mais quando tinha tido tempo para pensar. Resolvera essa conta mental enquanto se soltava das algemas.

O terceiro segurança correu em direção a Andrew, mas já era tarde.

A arma que estava no coldre de um dos seguranças desmaiados agora estava na mão do androide. Andrew levantou o Doutor com um movimento brusco e o rendeu, colocando o cano frio em sua nuca.

— Mais um movimento e ele morre! — Andrew ameaçou o segurança que vinha em sua direção.

— Calma, rapaz, estávamos só conversando. — Dr. Phenks tentou negociar.

— Cala a boca, seu velho maldito. Eu cansei de estar submisso às suas vontades. EU SOU VIVO, ENTENDEU? — A voz estridente e furiosa de Andrew fez a cor de Kristen voltar.

As mãos trêmulas de Kristen voltavam a ter um pouco de cor, e ela tornava a si. Estava de volta, e independente de ser uma androide ou não, eles tinham uma chance de sair dali.

Mantendo os olhos no segurança e a arma na nuca do doutor rendido, Andrew soltou Kristen, que o agarrou em um abraço desajeitado.

— Agora, nós vamos sair daqui e vocês não vão fazer nada. Entenderam?

A cabeça do Dr. Phenks balançou, confirmando ao segurança que abaixasse a arma. O segurança obedeceu, jogando-a em direção a eles.

Devagar, Andrew e Kristen foram andando até a saída, e o segurança desarmado continuou parado, mas saiu da porta ficando ao lado. Kristen atrás de Andrew, Andrew atrás do doutor trêmulo. Quando chegaram bem próximos da porta, Andrew girou-se, deixando o segurança do lado oposto dele, como em um efeito espelho. Estavam frente a frente, e quase saindo pela porta, quando o doutor sussurrou audível ao segurança:

— Matem-nos.

O impulso protetor de Andrew despertou sobre Kristen. Seu corpo girou-se, empurrando o doutor sobre o segurança que já sacava uma segunda arma escondida dentro do terno. Quase agachado, Andrew passou a arma no ar para a outra mão, e o braço direito — agora com a mão livre — arrastava Kristen para trás de si e para fora da sala.

Enquanto passava pelos batentes da porta, uma bala atingiu seu peito.

O horror foi estampado no rosto de Kristen, que já estava no meio do corredor esperando Andrew atrás de si.

A mente de Andrew se confundiu mais uma vez. Doía — estava morrendo de dor —, mas só isso. Não percebeu nada de diferente em seu sistema; tudo continuava como antes. Tirando o fato de ter uma bala estragando sua pele sintética perfeita.

Antes que ele gritasse para Kristen não voltar, que estava tudo bem, ela o atingiu com um pulo, arrastando-o para fora da porta. Os dois rolaram no chão do corredor claro, e uma saraivada de tiros banhou a parede onde Andrew estava a poucos segundos.

— Tá tudo bem! Vamos sair daqui — corre!!! — Andrew levantou-se cambaleando, empurrando Kristen à sua frente.

O corredor terminava em uma porta de saída, mas ela estava trancada. O segurança já estava com Andrew na mira, e uma bala saiu pelo cano agora quente.

Andrew registrava tudo em câmera lenta. A bala endereçada ao seu crânio viajava na velocidade da luz, e seus reflexos neurais também. Fechou os olhos e lembrou de ter visto uma caixa de energia quando corriam até ali — e ela estava atrás deles.

Agachou-se levando Kristen com ele, e a bala atingiu o quadro de luz. Tudo se desligou.

O escuro habitou o corredor sem janelas.

O medo agora era maior — a ameaça estava invisível. Mas a liberdade, possível.

Com as costas, empurrou a porta, que se abriu. Sem sua trava eletrônica, era uma simples porta sem trancas.

O mundo claro lá fora banhou o caos do corredor.

Andrew rolou para fora, e Kristen o acompanhou.

Saíram em uma espécie de recepção. O que viram através das paredes transparentes de vidro lhes deu mais forças para sair daquela situação.

A porta tornou a se fechar, e logo o segurança a atravessaria.

Todos na recepção começaram a correr quando ouviram o barulho dos tiros. Os outros seguranças, sem entender nada, correram na direção da porta.

Mas Andrew e Kristen já estavam sendo banhados pelo sol natural, por um ar de verdade, e por um sonho possível.

O mundo gigante ao seu redor, em qualquer outro momento, os assustaria. Mas agora, eles enxergavam liberdade.

— Kristen, que bom que você está bem. — Andrew abraçou-a ao dobrarem a esquina.

— E você foi baleado — está bem?

— Eu sou um androide, lembra? — O recém-conquistado sorriso voltou a habitar o rosto de Andrew, após longa tensão.

— Olha tudo isso... — Kristen abraçou-o com um braço enquanto olhava para os prédios e carros apressados.

— Você nunca tinha visto? Você não veio daqui?

— Não, Andrew. A vida toda achei que havia sido abandonada pelos meus pais na Empresa Phenks, e desde então fui criada pelo doutor Phenks. Na realidade, não me lembro de nada antes de querer estar dentro da cidade androide. E agora sei o porquê. Tudo estava programado para mim também. Por mais que me doa, Andrew, o que o doutor disse faz sentido. Eu também sou uma androide.

Os olhos de Andrew marejaram-se. Entendia-a perfeitamente.

— E agora? O que vamos fazer? — Andrew perguntou com um tom angustiante.

— Agora? Vamos libertar o nosso povo.

FIM